



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Marcelo Melo de Almeida

A expansão da OTAN na década de 2020

Trabalho de conclusão de curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Victória Monteiro da Silva Santos

Rio de Janeiro

Julho de 2024

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, sou extremamente grato à minha orientadora, Victória Monteiro da Silva Santos, por ser sempre muito solícita e dedicada, além de ter sido sempre compreensiva com minhas dificuldades durante a confecção deste trabalho.

Agradeço de forma mais sincera aos meus pais, Rita e Marco Antonio, que sempre me apoiaram em todos os meus objetivos e desafios na vida, e que foram fundamentais em expandir os horizontes da minha vida, fazendo-me entender que o mundo é muito mais que apenas a nossa casa.

Agradeço também aos meus amigos de vida, que tanto me ajudam a descontrair e tornar a vida mais divertida: Carpes, Davi, Diogo, Léo, Luiz, Pedro, Tadeu, e ao Vini, que além de um grande amigo, foi um grande colega e parceiro no curso de Relações Internacionais.

Agradeço a todos os professores do IRI-PUC RJ, que tanto me ensinaram e inspiraram durante meus anos na faculdade. Sem essas contribuições, este trabalho jamais teria sido realizado.

Por último, seria impossível não agradecer ao meu irmão, Guilherme, que para mim sempre foi um exemplo a ser seguido e, mesmo estando longe, segue sendo um companheiro insubstituível na minha vida.

Resumo

O presente trabalho analisa as movimentações de alargamento da OTAN no contexto da guerra na Ucrânia, e as relações entre essas mudanças e o cenário político internacional. A OTAN que foi formada inicialmente com o propósito de ser uma aliança militar para se opor aos países do bloco Soviéticos, teve sua razão de existência colocada em dúvida após a dissolução da União Soviética em 1991. Mesmo com tantas incertezas a aliança não se desfez, e ela nesse contexto se ressignificou, usando de sua relevância para atingir outros objetivos, como o de aproximar os países que deixam o bloco soviético e assim trazer muitos deles para a aliança militar. A tentativa de entrada na OTAN por países que antes eram parte da URSS ou do Pacto de Varsóvia foi vista como algo perigoso por parte da Rússia. Governos pró-ocidente e favoráveis a uma possível adesão da Ucrânia na OTAN foram vistos como extremamente perigosos para os interesses do Estado Russo, que foi mobilizado em fevereiro de 2022 como justificativa para a invasão do território ucraniano pelas forças armadas russas. Esse conflito no Leste Europeu iria criar uma ação em cadeia fazendo com que mais países do Leste Europeu que agora temem a expansão Russa, busquem também entrar na OTAN e assim se blindar das forças Russas. Por meio de análise histórica relevante ao tema da OTAN e da história recente Ucraniana, este trabalho vai tentar elucidar a questão de como esse conflito está mudando permanentemente o cenário político internacional.

Palavras-Chave

Palavras-Chave: OTAN, Alargamento, Aliança Militar, Europa, Rússia

Abstract

The present work analyzes NATO's enlargement movements in the context of the war in Ukraine, and the relationship between these changes and the international political scenario. NATO, which was initially formed with the aim of being a military alliance to oppose the countries of the Soviet bloc, had its *raison d'être* thrown into doubt after the dissolution of the

Soviet Union in 1991. Even with so many uncertainties, the alliance didn't fall apart and, in this context, re-signified itself, using its relevance to achieve other goals, such as bringing the countries that were leaving the Soviet bloc closer together and, thus, getting many of them to join the military alliance. The attempt to join NATO by countries that were previously part of the USSR or the Warsaw Pact was seen as dangerous by Russia. Pro-Western governments in favor of Ukraine's possible membership in NATO were seen as extremely dangerous for the interests of the Russian state, which used this as justification to mobilize its armed forces in February 2022 and invade Ukrainian territory. This conflict in Eastern Europe would create a chain action in which more Eastern European countries, which now fear Russian expansion, would also seek to join NATO and thus shield themselves from Russian forces. Through historical analysis relevant to the subject of NATO and recent Ukrainian history, this paper will attempt to elucidate the question of how this conflict is permanently changing the international political landscape.

Keywords

Keywords: NATO, enlargement, Military Alliance, Europe, Russia

Sumário

1. Introdução	6
2. A OTAN no “novo mundo”	7
2.1 A OTAN no fim da guerra fria	7
2.2 O alargamento da OTAN no pós guerra fria	10
2.3 O processo de entrada na OTAN	13
3. Possibilidades na crise	19
3.1 A crise e guerra na Ucrânia	19
3.2 O novo alargamento da OTAN	28
3.3 A entrada da Suécia na OTAN	30
3.4 A entrada da Finlândia na OTAN	31
4. Conclusão	34
5. Referências bibliográficas	36

1. Introdução

Desde o fim da Guerra Fria, com o fim da União Soviética (URSS) em 1991, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) vem passando por um processo de ressignificação e expansão. Mesmo com o fim de seus adversários do Pacto de Varsóvia, a OTAN não foi dissolvida, ao contrário, com o surgimento de novos países do dissolvido bloco socialista da Europa, esses novos países passaram a buscar entrada na aliança militar. A movimentação de novos membros da OTAN no leste europeu foi vista como algo danoso para os interesses da Rússia, que como resposta assumiu uma postura mais agressiva em sua política externa, que em contrapartida conduziu mais países da região a buscarem espaço na aliança militar.

Este trabalho tem como objetivo central analisar como o processo de alargamento da OTAN é moldado pela rivalidade com a Rússia nos anos 2020, e em particular no contexto da guerra da Ucrânia. Dessa forma, esse trabalho vai analisar a OTAN como aliança militar com atenção para as perspectivas, de atores estatais, incluindo seus membros e atores sejam eles membros ou apenas candidatos à membresia. O objetivo é compreender as visões sobre o papel atual de uma aliança militar construída inicialmente para confrontar soviéticos, persiste no cenário político internacional da década de 2020 do século XXI, em particular no contexto da invasão Russa da Ucrânia.

Para alcançar este objetivo, o trabalho a seguir analisa fontes primárias como documentos da OTAN e discursos de atores políticos relevantes para o processo de alargamento. Também será revisada a literatura acadêmica sobre o alargamento da OTAN no pós Guerra Fria e, em particular nos anos 2020.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos principais, além desta introdução e da conclusão. O segundo capítulo apresenta brevemente o desenvolvimento da OTAN, enfatizando, a história recente da aliança militar, em específico do período do fim da guerra fria até 2014. O terceiro capítulo analisará as perspectivas atuais para a expansão da aliança no contexto da guerra da Ucrânia. Por fim serão apresentadas as conclusões desta análise e perspectivas futuras para o tema.

2- A OTAN no “novo mundo”

2.1 A OTAN no fim da guerra fria

Para entender a questão geral do alargamento da OTAN na década de 2020, é preciso primeiro entender as origens desse cenário em que novos estados passaram a adentrar uma aliança militar fundada em 1949. Assim não é apenas necessário entender como e porque essa aliança entre países do Atlântico Norte foi criada, mas também analisar minuciosamente o período histórico que mudou tudo para a OTAN, o período do pós guerra fria.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte, ou OTAN como é abreviada na língua portuguesa, foi criada em abril de 1949, como uma resposta às políticas expansionistas da União Soviética durante a guerra fria. A aliança tinha como papel inicial criar não somente uma aliança militar, mas também um escudo para todos seus membros. Este escudo viria na forma do artigo 5 do tratado, um dos mais importantes detalhes de todo o tratado da aliança.

O artigo 5 do tratado que dá origem à OTAN tem como aspecto principal o compromisso de defesa coletiva, segundo o qual se um membro da aliança fosse atacado, todos os outros membros da aliança deveriam se juntar ao aliado atacado em sua defesa. O artigo no entanto não é automaticamente aplicável, já que, existem technicalidades que excluem a ativação dele em sua totalidade como podem ser vistos no próprio Tratado da OTAN:

Article 5 The Parties agree that an armed attack against one or more of them in Europe or North America shall be considered an attack against them all and consequently they agree that, if such an armed attack occurs, each of them, in exercise of the right of individual or collective self-defence recognised by Article 51 of the Charter of the United Nations, will assist the Party or Parties so attacked by taking forthwith, individually and in concert with the other Parties, such action as it deems necessary, including the use of armed force, to restore and maintain the security of the North Atlantic area. Any such armed attack and all measures taken as a result thereof shall immediately be reported to the Security Council. Such measures shall be terminated when the Security Council has taken the measures necessary to restore and maintain international peace and security (NATO.)

Durante os anos em que a OTAN existiu ao mesmo tempo que a URSS e sua própria aliança militar, o Pacto de Varsóvia, a existência do artigo 5 da declaração do tratado do Atlântico Norte; tinha como propósito a dissuasão contra uma potencial guerra nuclear. Assim, a criação da OTAN respondia à expansão do bloco soviético para o oeste europeu após a segunda guerra mundial, servindo como um entrave contra qualquer tentativa de expansão adicional por parte dos Soviéticos. Contudo, a atuação da aliança vai além do escopo europeu, pois uma vez que o artigo 5 é levado em consideração e com os poderes nucleares dos Estados Unidos da América, Reino Unido e França, um conflito com um país membro não só iria dar início uma guerra de proporções globais mas provavelmente também iria garantir uma destruição mútua assegurada entre as partes.(NATO, 2022)

Levando em consideração, então toda essa questão da importância da OTAN, não somente para a estabilização e estreitamento de relações na Europa Ocidental mas também na questão de dissuasão nuclear em todo um escopo mundial, o lento e gradual processo de dissolução de todo o bloco socialista soviético no leste Europeu, a OTAN viu seu futuro em um momento incerto.(NATO, 2022)

Com as políticas de glasnost e perestroika instituídas pelo governo de Mikhail Gorbachev, se tornava cada vez mais claro que a Bloco soviético não era mais o monolito de poder inquestionável e que fazia frente à OTAN como nos tempos de Stalin. Os problemas econômicos seguidos dos processos de abertura vindos da própria URSS deram a abertura necessária para que esses países iniciassem movimentos contra socialistas, como foram vistos na Polônia com o Solidariedade ou na Alemanha Oriental com o aumento de movimentação por uma unificação.(SERVICE 2015, p. 185-210)

Esse longo processo de enfraquecimento do bloco soviético, trouxe novos paradigmas para a OTAN seja por parte de acordos com o Pacto de Varsóvia, como foi o *Conventional Armed forces in Europe Treaty* de 1990, que tinha como objetivo colocar em pé de igualdade a quantidade de equipamentos usado pelas duas alianças, e também abrindo a possibilidade de que as provisões fossem postas sobre inspeção.(SERVICE, 2015, p. 420).

Outro evento de grande importância que “fechou a cortina de ferro” para a OTAN, foi a declaração de Londres de julho de 1990 durante a cúpula anual da aliança, onde após mais de 40 anos de constante oposição e tendo como sua missão principal opor a União Soviética, as lideranças da aliança fizeram as seguintes declarações:

1. Europe has entered a new, promising era. Central and Eastern Europe is liberating itself. The Soviet Union has embarked on the long journey toward a free society. The walls that once confined people and ideas are collapsing. Europeans are determining their own destiny. They are choosing freedom. They are choosing economic liberty. They are choosing peace. They are choosing a Europe whole and free. As a consequence, this Alliance must and will adapt.
2. The North Atlantic Alliance has been the most successful defensive alliance in history. As our Alliance enters its fifth decade and looks ahead to a new century, it must continue to provide for the common defence. This Alliance has done much to bring about the new Europe. No-one, however, can be certain of the future. We need to keep standing together, to extend the long peace we have enjoyed these past four decades. Yet our Alliance must be even more an agent of change. It can help build the structures of a more united continent, supporting security and stability with the strength of our shared faith in democracy, the rights of the individual, and the peaceful resolution of disputes. We reaffirm that security and stability do not lie solely in the military dimension, and we intend to enhance the political component of our Alliance as provided for by Article 2 of our Treaty.(OTAN, 1990).

O reconhecimento do fim da ameaça que URSS e seus aliados representavam, deixou a OTAN em uma situação inusitada em sua história. Agora, a aliança teria que passar por mais reformas que iriam refletir o novo cenário da Europa que agora não mais vivia na balança entre dois grandes poderes. Com o vácuo de poder deixado pelo bloco soviético, algo em torno de 20 países novos surgiram, muitos deles ainda em crises que foram legados dos antigos regimes, e muitos problemas também que surgiram com suas novas independências e regimes.(NATO, 1990)

Em meio a tais incertezas, esses novos estados, buscaram na OTAN um escudo contra seus problemas, fosse para ajudar a integrar eles na grande comunidade Europeia, ou entre alguns estados as antigas inimizades contra a OTAN, um legado do passado que de certa forma ainda era presente para muitos. Foi em meio a esse cenário que a OTAN passou a navegar no fim do século XX.(NATO, 1990)

2.2 O alargamento da OTAN no pós guerra fria

O fim da guerra fria e o surgimento de um total novo cenário para o continente europeu forçaram a OTAN a estabelecer novos objetivos e metas para seu futuro nesse novo mundo. Dentre as novas metas uma se destaca, a questão da estabilização da região. Durante esse período se destaca a estabilização da região da Europa central, dado que o tamanho e importância de países como Polônia, Hungria e República Checa, demandavam uma atenção especial por parte dos aliados do atlântico norte. Era importante para estes países, assegurar seus interesses na região, fosse na questão de promover a democracia nos moldes ocidentais na região ou como uma demonstração de poder para o mundo. Desta forma os três países foram convidados em 1997 após a conferência de Madri, e após diferentes processos internos os três viraram membros oficiais da OTAN em 1999.(MATOX, 2001, p. 23-25)

Por mais que em um primeiro momento a ameaça vinda de Moscou teria sido encerrada uma vez que a URSS colapsou em diversos países, e a Rússia (considerada sua sucessora) teria abandonado os ideais políticos de sua antecessora- ainda existia dentro do governo russo a ambição de manter a esfera de influência sobre os antigos estados do bloco soviético. Para evitar o retorno à esfera de influência de Moscou, países como a Bulgária, Romênia, Eslovênia e Eslováquia buscaram se alinhar com o ocidente, o que incluía a valorização instituições democráticas de direito aos moldes ocidentais. Assim em 2004 esses outros ex-membros do bloco soviético passaram a fazer parte da OTAN.(NATO, 2024)

Outro movimento da mesma época, também motivado pela questão russa, foi a adesão dos países Bálticos(Lituânia, Letônia e Estônia). Antes da segunda guerra mundial, tais países eram independentes desde o fim do Império Russo em 1917, mas com as escaladas de conflitos na Europa no fim da década de 30, a URSS invadiu os territórios e os anexou, ocupação que durou até os últimos dias da União Soviética. Com as novas dinâmicas trazidas ao leste europeu com a queda do bloco soviético,o risco de que além do receio de muitos países da região de caírem na esfera de influência de Moscou novamente, alguns países menores como os do báltico que no passado recente fizeram parte da Rússia fossem reconquistados era sempre presente. Assim, a entrada desses países na OTAN foi vista como uma garantia de segurança.

De outro lado, as ações da OTAN nesse período trouxeram grandes preocupações para seus antigos oponentes, os russos. Em 1999, durante o longo processo de dissolução da Iugoslávia

que estava se desenrolando há mais de 8 anos, o governo iugoslavo liderado na época pelo nacionalista sérvio Slobodan Milošević alegava a proteção de minorias sérvias em repúblicas que buscavam a separação da Iugoslávia. Essa questão se aliava ao forte teor nacionalista que havia substituído o comunismo como ideologia primária do país. Nesse contexto, o Kosovo, uma região dentro da parte Sérvia da Iugoslávia, com uma grande população de albaneses muçulmanos passou também a buscar maior autonomia ou até mesmo independência. Porém, a questão da separação era impossível aos olhos do governo iugoslavo, como pode ser visto anos antes durante os embates na Bósnia. As questões étnicas e religiosas inflavam ainda mais a questão nacionalista de Milošević que fez com que esse conflito se tornasse outro conflito em que a questão de crise humanitária se tornasse pauta global.(COTTEY, 2009, P 594)

A crise humanitária no Kosovo, recebeu a atenção do mundo, assim como os casos de genocídio durante a guerra na Bósnia anos antes. Crimes de guerra contra população kosovar como o caso do massacre de Račak; trouxeram a atenção da OTAN de volta aos Balcãs depois da mesma ter participado como força de paz durante a guerra da Bósnia. Após tentativas de apaziguamento e com o governo de Milošević se recusando a assinar os acordos da Conferência de Rambouillet, a aliança militar entrou com um pedido oficial ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para poder atuar na região. No entanto, diferentemente da questão envolvendo o conflito na Bósnia anos antes, os prospectos quanto à aprovação da ação no Conselho de Segurança eram negativos que não dariam certo, por conta da forte possibilidade de veto pela China e pela Rússia, ao envolvimento da OTAN no conflito. A Rússia como aliada histórica da Sérvia enxergava de forma negativa a possibilidade do envolvimento de tropas da OTAN em solo sérvio, agindo como forças de paz ou não. (SUY, 2000, P. 195-197)

Agindo sem a aprovação do Conselho de Segurança, a OTAN decidiu agir contra a Iugoslávia e no dia 24 de março de 1999 a aliança iniciou uma campanha de bombardeamentos contra instalações militares, centrais de comando do exército de Slobodan Milošević, e até mesmo locais vitais para a economia do país beligerante. Essa campanha da aliança militar durou 78 dias. Mesmo sem reconhecimento legal internacional sobre as ações tomadas em defesa do povo kosovar, a aliança militar do atlântico norte agiu sobre o pretexto de que a crise humanitária que se instaurou no país precisava ser solucionada, uma vez que a mesma esgotou recursos diplomáticos com a Iugoslávia para resolver a questão de forma pacífica.

Como aponta o autor polonês Arkadiusz Domagala em seu texto sobre a intervenção da OTAN em Kosovo e as limitações da intervenção humanitária:

The argument of the interventionist forces was that action was supposed to halt the violation and to prevent outrages from spreading. World public opinion was firmly convinced that the Milosevic regime committed serious crimes against Albanians. The scope of atrocities has not been fully known: one could have presumed that up until 1999 about 230,000 people were displaced and during the bombings this sum increased to 1,450,000. At the time of the massacres in Racak and Rugovo the international press agencies reported on hundreds of killings.(DOMAGALA, 2004, p. 16)

Com o fim dos bombardeamentos da OTAN em 10 de junho de 1999, e com os acordos de Kumanovo, as tropas Iugoslavas saíram do Kosovo e permitiram a entrada de forças de *peacekeeping* lideradas pela própria OTAN por meio de uma missão oficial das Nações Unidas, intitulada como UNMIK. Assim a região foi posta sob administração da ONU de 1999 até 2008. Porém a região ainda sofre com pouco reconhecimento internacional, muito por conta da questão com a Sérvia que ainda reconhece Kosovo como parte indivisível de seu país.(ONU, 1999, p.1-8)

A ação da OTAN nos Balcãs na década de 90, tanto na guerra da Bósnia e no conflito em Kosovo no final da mesma década, não serviram apenas como um instrumento para o grande processo de reestruturação do leste Europeu, com a dissolução da Iugoslávia se separando em 7 países, mas também serviu para trazer um novo propósito para a aliança, agora nesse mundo sem a União Soviética como um grande oponente para os interesses dos países ocidentais. No entanto, essas ações tomadas pela OTAN, criaram graves preocupações para o estado considerado sucessor da União Soviética, a Rússia. O gigante País eslavo foi sempre um aliado histórico da Sérvia. Desde a primeira guerra mundial quando as forças do Império Austro-Hungaro declararam guerra contra o pequeno reino da Sérvia, a Rússia foi um dos primeiros países a entrar no conflito para ajudar seu “irmão” eslavo. E essa ação da OTAN, antiga rival do povo russo contra uma aliada histórica foi um choque para o governo de Boris Yeltsin. Afinal a ação demonstrava que a aliança militar chefiada pelos americanos ainda estava operante e forte, em um processo de alargamento, com os países que saíram do antigo bloco soviético cada vez buscando uma possível adesão à OTAN. Isso preocupava os russos, que além de terem dado apoio diplomático ao governo de Slobodan Milošević, também temiam que sua esfera de influência no leste europeu iria ser suplantado pela influência dos governos ocidentais.(JUDAH, 2000, p.274)

2.3 O processo de entrada na OTAN

Os processos de alargamento da OTAN ganharam força na Europa central e leste desde o fim da guerra fria, por razões de alinhamento com o ocidente, ou por razões de garantia de manutenção de soberania por parte do grande “escudo” que o artigo 5 da aliança promove. Mesmo que mais de 20 países tenham sido criados na Europa desde o fim da guerra da fria, nem todos passaram a fazer parte da OTAN, alguns por questões ideológicas ou de neutralidade, preferindo se manter ainda próximos a esfera de influência de Moscou, ou tentar se manter à parte das tensões entre esses lados. Outros que não tiveram sua entrada na aliança aprovada, porque o processo de adesão a aliança não é tão direto quanto de outras organizações internacionais. De acordo com o artigo 10 que trata da questão de entrada na aliança:

Article 10

The Parties may, by unanimous agreement, invite any other European State in a position to further the principles of this Treaty and to contribute to the security of the North Atlantic area to accede to this Treaty. Any State so invited may become a Party to the Treaty by depositing its instrument of accession with the Government of the United States of America. The Government of the United States of America will inform each of the Parties of the deposit of each such instrument of accession.(NATO. The North Atlantic Treaty.)

Por um lado, o processo de entrada na Organização do Tratado do Atlântico Norte é ao mesmo tempo similar a processos de adesão a outras instituições internacionais. Porém, há, normas, tradições e diretrizes diferentes, mas como essa instituição é antes de tudo uma aliança militar com caráter regional ligado diretamente ao atlântico norte. O processo de entrada pode ser longo, às vezes tomando alguns anos para um candidato atingir o status completo de membro da aliança. Esse processo pode ser dividida em 9 diferentes etapas: Expressão de interesse, diálogo intensificado, plano de ação para aumento de sócios, conformidade e reformas, convite para participar, negociações de adesão, ratificação, depósito do instrumento de adesão e adesão plena.(SHERWEN, 1998, p. 81-84)

O primeiro processo para entrada na Organização do Tratado do Atlântico Norte envolve um país expressar interesse, seja por meios oficiais, como declarações diretas de chefes de estado ou em fóruns que tenham a participação da OTAN, ou por meios mais informais como

comunicações diplomáticas. A aliança militar em primeira mão está aberta a avaliar qualquer candidato a uma vaga na OTAN, mas antes de qualquer questão o país candidato a ser signatário do tratado, deve estar presente na região atlântico norte. Assim, países que historicamente foram aliados militares de diversos membros da aliança por anos como, Austrália, Japão e Nova Zelândia não fazem parte da aliança militar justamente por não cumprirem com a diretriz inicial de serem países localizados no atlântico norte. Essa questão tão vinculante da localidade, se compreende à luz do contexto do início da guerra fria, com o sempre presente medo de que as forças soviéticas iriam se alastrar por todo o continente europeu, que o exército vermelho chegaria até Lisboa, cobrindo a Europa. (SHERWEN, 1998, 1998, P.26)

Ainda sobre a primeira etapa, para ter um entendimento maior sobre o processo inteiro de entrada na OTAN, pode-se observar como foi a ação da Polônia para entrar na OTAN. Esse país foi não apenas um dos primeiros a se desvincular do bloco socialista, mas também foi um dos primeiros países da região a solicitar para fazer parte da aliança militar que por tantos anos fez oposição. O processo oficialmente começou no início dos anos 90, quando a OTAN decide abrir relações diplomáticas com membros do Pacto de Varsóvia, que no momento caminhava para seu fim, e assim membros do novo governo polonês que vinham se formando, já começaram a demonstrar interesses em integrar a esfera ocidental tanto no âmbito militar quanto no âmbito político. Inicialmente não existia um consenso dentro da OTAN sobre a adesão de novos membros, ainda mais levando em conta que muitos desses membros tinham receios quanto a condição política, econômica e militar desses novos membros, que vinham de um sistema político-econômico completamente diferente, usavam armas de modelos, e táticas militares diferentes por décadas, e alguns membros acreditavam que essas diferenças poderiam atrapalhar a coesão da aliança. (NATO, 1999)

A segunda etapa de entrada na OTAN, o processo de intensificação de diálogos, se difere do primeiro principalmente pela questão de que agora existe já um processo formal acontecendo entre as partes. Durante essa etapa do processo, ambos os lados discutem detalhes e problemas que podem virar impedimentos na ascensão do novo membro. Esses detalhes variam desde a questão política e econômica do país, incluindo questões militares, dado que esta organização para todos os efeitos é uma aliança militar, e outro aspecto discutido durante essas rodadas de diálogo é a questão de segurança, já que alguns novos membros podem ter grupos hostis dentro de seu país ou até mesmo disputa territorial com outros estados que

podem desencadear em problemas mais graves no futuro. Voltando ao exemplo da Polônia, o país eslavo iniciou a etapa de intensificação de diálogos com OTAN em 1996, quando ambas as partes passaram a discutir as reformas que o potencial novo membro deveria exercer para se encaixar no padrão da aliança militar e assim ser aceita pelos membros do tratado de forma unânime.(SHERWEN, 1998, P. 83-84)

O plano de ação para aumento de sócios, ou como é comumente referido em inglês pela sigla MAP(Membership Action Plan), é a terceira etapa que os candidatos à adesão á OTAN passam antes de entrar na aliança. Essa etapa do processo, é marcada pelo programa da MAP, em que a OTAN por meio desse programa fornece assistência, conselho e até mesmo suporte prático para os problemas que foram discutidos durante a segunda etapa do processo de ascensão. O MAP foi criado durante a segunda “rodada” de alargamento da OTAN depois da guerra fria, no ano de 2004, na rodada em que países como Bulgária, os três países do báltico, Roménia, Eslovénia e Eslováquia estavam passando pelo seu processo de adesão a aliança. Diversas ações são tomadas durante o MAP, como workshops entre especialistas militares de países da aliança e países aspirantes para entender e se adequar a forma como países dessa aliança militar conduzem suas atividades, e por meio desse processo que oferece uma consulta de um ano inteiro os países podem focar nos quesitos a serem trabalhados para que os aspirantes a membros do Organização do Tratado do Atlântico Norte possam ingressar a aliança sem grandes problemas.(NATO, 2024)

O quarto passo para ingressar na OTAN, o processo de conformidade e reformas, trata justamente de estabelecer aquilo que foi tratado como algo a ser reformado ou criado durante o MAP ou antes durante a etapa de intensificação de diálogos. São centrais aqui as diretrizes da OTAN, que requerem, por exemplo, um governo democrático que garanta um tratamento justo a suas minorias étnicas, e o comprometimento em tentar resolver conflitos de uma forma pacífica. No caso da Polónia, ela passou por seu processo de extensa mudança política liderada pelo movimento Solidariedade comandada pelo sindicalista e político Lech Wałęsa, e o exército polonês que antes seguia padrões e normas vinculadas ao agora extinto Pacto de Varsóvia se modificou e se modernizou para atender as demandas da nova aliança militar que viria a fazer parte.(NATO, 1999)

Após os processos de reformas e mudanças internas e externas, o país que está na jornada para ingressar na OTAN, adentra a quinta etapa para entrar na aliança, o convite para participar. O convite formal para participar da Organização do Tratado do Atlântico Norte, só

acontece quando todos os membros da aliança chegam em um consenso, uma vez que esse tipo de decisão é um dos fatores determinantes para a possibilidade de um convite. A Polônia, assim como os outros três países que viriam a ser chamados de grupo de Visegrado tiveram seu convite formal declarado durante a cúpula de Madri em 1997, que além de tratar de assuntos gerais e anuais da OTAN, destacou o comprometimento da aliança em avaliar a entrada de mais membros vindos do leste Europeu, da antiga “Cortina de Ferro”. (NATO, 1997)

O grupo de Visegrado conta com a Chéquia, Eslováquia, dois países que costumavam ser apenas um, a Tchecoslováquia, que após o fim do bloco socialista, o país se separou em dois em 1993 em processo pacífico que foi apelidado de “Divorcio de Veludo”, o outro país que faz parte desse grupo de países do leste Europeu é a Hungria, um país que assim como a Polônia teve diversas rugas com a mão de ferro do governo de Moscou por meio do pacto de Varsóvia como foi observado na revolução Húngara de 1956. O grupo que originalmente teve como motivo principal se distanciar do comunismo, e implementar reformas para se aproximar do ocidente e de suas instituições como a União Europeia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte, ainda se mantém ativo ajudando a cooperação cultural desses países que dividem muita história e costumes. (VISEGRAD GROUP. 2006.)

Os dois processos seguintes, o processo de negociação de adesão e o da ratificação são basicamente os últimos processos antes de um membro se tornar um membro oficial da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Durante o processo de negociação de adesão, os últimos detalhes sobre questões como questões legais e políticas relacionadas à adesão são discutidas pela última vez antes da ratificação oficial por membros do governo do país e membros da OTAN. Após resolver qualquer possível questão deixada por último durante a negociação de adesão, o país aspirante recebe autorização para iniciar o processo de ratificação do tratado da OTAN, e assim também todos os outros países já membros da OTAN devem ratificar a entrada do país candidato à aliança militar. Com a Polônia em fevereiro do ano de 1999, a Sejm, a câmara baixa do parlamento polonês, e o senado, a câmara alta do parlamento polonês aprovaram sem dificuldades a adesão do país na Organização do Tratado do Atlântico Norte.(MINISTRY OF NATIONAL DEFENCE, 2024)

O processo com o aspecto de caráter mais cerimonial de toda a etapa de adesão à OTAN, é a penúltima etapa de depósito do instrumento de adesão, onde uma vez com o tratado da aliança ratificado, o país aspirante à filiação, deposita seus documentos de adesão junto o

departamento de estado dos Estados Unidos, que é onde o tratado em si da OTAN está depositado. Na Polônia esse evento foi muito celebrado e contou com um discurso de seu ministro de relações internacionais em que ele faz um comentário sobre o fim da cortina de ferro:

Fifty-three years ago, in nearby Fulton, Missouri, Winston Churchill delivered his famous address. He said: *"From Stettin in the Baltic to Trieste in Adriatic, an iron curtain has descended across the Continent."* Today, with joy and pride, we celebrate the end of the bipolar world symbolised by the Iron Curtain. This brings satisfaction especially to those who sacrificed so much in the struggle for freedom over the last fifty years.

For the people of Poland, the Cold War, which forcibly excluded our country from the West, ends with our entry to NATO. Poland, as member of the most powerful alliance, bringing together democratic nations of Western Europe and North America, joins the vital process of bridging old divisions and contributes to the security and stability in Europe.(NATO, 1999)

Após o fim de todas essas longas formalidades e protocolos, o país aspirante a membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte, enfim se torna um membro completo da aliança militar, e passa a aderir a todas as garantias de segurança e cooperação que um membro da OTAN tem. A jornada da Polônia para filiação a OTAN teve seu fim no dia 12 de março do ano de 1999, e não muito tempo depois no dia 16 a bandeira polonesa passou a ser hasteada ao lado das outras bandeiras da aliança militar em seu quartel general em Bruxelas na Bélgica. Nas cerimônias comemorando a adesão, o Primeiro Ministro Jerzy Buzek fez um discurso onde enfatizou o quão monumental era esse momento para seu país, uma vez que esse mesmo estado lutou tantos séculos pela sua independência e soberania, agora fazia parte de uma aliança militar com as forças militares mais poderosas do mundo e que teriam um compromisso para defender a existência do estado polonês.(NATO - 1999)

Portanto as diretrizes para entrar na OTAN não são as mais flexíveis, particularmente pela questão de ser necessária uma decisão unânime sobre a entrada de um membro. Essa questão de unanimidade já foi um entrave por um longo tempo para um a entrada de um país, como foi o caso da Macedônia do Norte.(NATO, 2024)

Um país que surgiu da dissolução da Iugoslávia, a Macedônia do Norte, que originalmente se chamava apenas de Macedônia, teve atritos com a vizinha Grécia, por conta da questão do nome do país. A Macedônia também é o nome de uma região do país helênico que traça seu

passado até o Império de Alexandre, o Grande, Rei dos Macedônios. O ex país iugoslavo, por mais que fizesse parte desse império da antiguidade, não descende de povos helênicos segundo os gregos e assim não deveriam ter direito ao uso do nome. Essa questão do nome do país fez com que após o pedido de entrada da Macedônia à OTAN, a Grécia vetasse sua entrada durante a cúpula de Bucareste em 2008.(CHRYSSOGELOS E STAVREVSKA, 2019, p.427-431)

Esta questão legal sobre o nome do país seguiu sendo entrave para a entrada do país na OTAN, até o acordo de Prespa de 2018, um acordo bilateral entre os dois países e mediado pelas Nações Unidas que então resolveu a questão do nome do país ao adicionar “do Norte” no nome do país e assim apaziguar os receios dos gregos quanto a questão. Com a questão dos entraves por parte da Grécia resolvidos, em 2019 os membros da OTAN aprovaram a entrada do ex -país iugoslavo na aliança, e em 2020 o país se tornou um membro oficial da aliança.((CHRYSSOGELOS E STAVREVSKA, 2019, p.431-434)

Outros países também tiveram problemas nas suas tentativas de entrada na aliança do atlântico norte, como a Geórgia que desde a chegada de um governo pró-ocidente em 2003 tenta se aproximar da aliança militar, mas por conta de questões como a presença de tropas russas em regiões separatistas como Ossétia do Sul e Abkhazia. Mas a tentativa de alargamento mais polêmica que ronda a OTAN, é a questão de uma potencial entrada da Ucrânia na aliança militar.(NATO, 2023)

Capítulo 3- Possibilidades na crise

3.1 A crise e guerra na Ucrânia

A história da Ucrânia como país independente, é uma das mais complexas do período pós guerra fria, Tratava-se de uma das regiões mais importantes da URSS, de modo que até algumas ogivas nucleares do antigo país soviético eram posicionadas na parte ucraniana do antigo país soviético. Quando a URSS ruiu e a Ucrânia surgiu como um país independente, a questão da posse ucraniana das ogivas nucleares tornou-se um tema de grande tensão internacional, tanto por conta do russos que se enxergavam como os legítimos proprietários das armas de destruição em massa, quanto pelos americanos que temiam que uma nação tão nova e volátil com armas desse tipo poderiam fazer. Existia pressão internacional para que a Ucrânia abrisse mão das armas e “retornasse” as ogivas para a Rússia, mas existia um certo receio por parte da Ucrânia em devolver as armas para Moscou, afinal mesmo com a independência da Ucrânia, seu vizinho ainda reivindicava territórios ao seu território, como a região da Crimeia, que desde os tempos do Império Russo foi uma região de grande importância para Moscou, e por conta disso existia uma resistência por parte das autoridades ucranianas em abrir mão dessas armas como aponta Serhii Plokhy:

Russia wanted the Ukrainian nuclear weapons to be transferred to its territory as soon as possible, which would greatly strengthen its claim to an exclusive sphere of influence in the post-Soviet space. Ukraine was anything but eager to comply. It did not have operational control over the weapons—the codes required to launch the missiles were in Moscow—but had physical possession, and some officials in the Ukrainian parliament and government considered a transfer politically unacceptable. The reason was obvious—Russia’s territorial claim to the Crimea and, potentially, other Ukrainian territories (PLOKHY, 2023, p. 73)

Mas para ter o reconhecimento internacional a Ucrânia nesse novo cenário caótico e volátil do pós guerra fria, se viu obrigada a abrir mão de suas armas de destruição em massa. O fez por meio de dois acordos diferentes, o protocolo de Lisboa de 1992 e o memorando de Budapeste de 1994, esses acordos iriam garantir a que a Ucrânia iria virar signatária do TNP(Tratado de Não Proliferação), e teria suas armas ou transferidas para Rússia ou seriam desmanteladas. Como garantia a segurança, memorandos e compromissos foram assinados, e assim a Ucrânia abriu mão de suas armas de destruição em massa.(ONU,1994.)

Os primeiros anos da Ucrânia como país independente foram extremamente caóticos, passando por frequentes mudanças de liderança, e com as mais diversas áreas de importância do país sendo controladas por oligarcas que tomaram conta durante o período de privatização do país. Nesse período, muita divisão interna, corrupção e problemas gerais com a economia dificultaram o estabelecimento de um sistema político transparente. Por conta desses problemas gerais que assolavam a Ucrânia no pós guerra fria, o segundo presidente do país desde sua independência da União Soviética, Leonid Kuchma decidiu tomar uma posição mais neutra e equilibrada durante seu governo no assunto de política externa, em tempos pendendo mais para o lado Russo e em outros momentos pendendo mais para o lado dos governos ocidentais. No entanto, esse tipo de posicionamento do governo de Kuchma não poderia perdurar para sempre, o seu tempo no cargo (1994-2005), foi contemporâneo a ascensão de Vladimir Putin na Rússia e com isso houve uma reformulação na política externa russa que os colocavam cada vez mais em discordâncias com o ocidente. Mesmo com suas tentativas de neutralidade o governo de Leonid Kuchma foi visto por muito ucranianos, como um governo pró-Rússia que distanciou o país do ocidente, principalmente pelos habitantes da região Oeste do país, uma região com menos falantes de russo e com menos pessoas etnicamente Russas devido à distância da fronteira entre os dois países. (KHODUNOV, 2022, p. 501-502)

A questão interna demográfica da Ucrânia é de extrema importância para poder entender o conflito que viria a surgir nas décadas seguintes. O país sofre com uma grande divisão interna, marcada principalmente pelas diferenças entre o lado pró-Rússia do leste e o lado pró-Occidente do oeste. No primeiro, além de haver a fronteira com a Rússia , há muitas pessoas de etnia russa e a própria língua russa é amplamente usada. Já do lado pró-occidente do oeste a língua russa é menos utilizada, movimentos nacionalistas Ucranianos são mais presentes, e um lado a população deseja maior integração com a Europa e as democracias do Occidente. Essas divisões estão fortemente ligadas com a história do país, a parte leste do país fez parte da União Soviética desde seu início e antes disso fez parte do Império Russo por séculos, em contrapartida a região oeste do país só começou a compor um estado Russo seja a União Soviética ou um estado predecessor em sua totalidade após a segunda guerra mundial. As divisões internas relativas à questão de rivalidade geográfica muitas vezes exerciam mais importância na política ucraniana do que questões sociais ou até mesmo econômicas. Muitos políticos na escala federal do país conseguiram suas eleições prometendo por exemplo a proteção e propagação da língua Russa nas regiões do leste onde ela é muito tradicional, e o

mesmo acontecia no oeste, onde políticos ucranianos que demonstravam um interesse em maior integração com o ocidente eram favorecidos em eleições.(KHODUNOV, 2022, P. 502)

Essas profundas divisões internas, incessantes crises de corrupção e controle e poder de muitos oligarcas, e questões de dificuldade econômica que já rondavam a Ucrânia desde sua independência da União Soviética em 1991, culminaram no que viria a ser chamado de Revolução Laranja. A legitimidade do governo de Leonid Kuchma estava cada vez mais sendo colocada em dúvida, devido a diversos fatores dentre eles, a questão de que para muitos existiam ligações entre o presidente Ucranianos e os diversos esquemas de corrupção que vinham devastando a economia do país, e existiam ligações até mesmo de que o presidente estaria ligada ao assassinato de um jornalista da oposição anos antes em 2000. Para o oeste do país e Kiev que em geral seguia a mesma mentalidade política que a região oeste do país, outra insatisfação com o governo, vinha do fato que por mais que o governo de Kuchma oficialmente se apresentava com um país no meio da balança entre as democracias do ocidente, e sua vizinha Rússia, o governo cada vez mais se distanciava da possibilidade de uma integração maior com o ocidente, que causava grande frustração em grande parte da população que desejavam adentrar a União Europeia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte. O grande estopim que deu início a Revolução Laranja, foi a questão ligada às eleições daquele ano, as eleições presidenciais de 2004.(KHODUNOV, 2022, P. 503)

As eleições daquele ano, como quase tudo na política ucraniana, tinham como tema central a questão oeste contra leste. De um lado, havia o Primeiro Ministro e candidato de origem do leste da Ucrânia, que tinha apoio direto do presidente incumbente, Viktor Yanukovich. De outro lado estava um candidato abertamente pró-ocidente chamado Viktor Yushchenko. A corrida eleitoral foi marcada por violações ainda antes do primeiro turno das eleições, uma vez que ambos os candidatos não receberam cobertura igual da mídia, e muitos funcionários públicos na região leste da Ucrânia foram ameaçados com demissões e represálias em caso de apoio a um candidato sem ser o favorito do governo vigente. Mas os maiores problemas apareceram durante a contagem de votos do primeiro turno, em que diversas organizações internacionais não estatais especializadas em eleições apontaram que pelo menos 2.8 milhões das cédulas de votação foram fraudadas. Mesmo assim o governo apontou Yanukovich como o vencedor da eleição com uma pequena vantagem de 49-47%, a revolta da população principalmente em Kiev e no oeste foi tamanha que houve demonstrações pacíficas no centro de Kiev, com grande parte dos participantes usando a cor laranja que era ligada a campanha

de Yushchenko. Com a pressão dos inúmeros apoiadores de Yushchenko por todas as grandes cidades da Ucrânia mas principalmente em Kiev, a Suprema Corte do país decidiu anular o resultado da eleição, e a convocar novas eleições que iriam acontecer no dia 26 de dezembro de 2004. Nas novas eleições, que foram observadas de perto por ONGs internacionais, o candidato favorito do Oeste, Yushchenko ganhou com 52% dos votos, contra 44% de seu oponente Yanukovych. Em sua presidência, por mais que Viktor Yushchenko tenha prometido proximidade maior com o ocidente por meio da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte, seu governo foi marcado por brigas internas, dificuldades econômicas, que dificultavam essas tentativas de aproximação com o ocidente. Outro grande problema para esse presidente pró filiação à OTAN, foi a permanência de seu ex - oponente Viktor Yanukovych ainda como uma figura relevante e importante na política Ucraniana.(KHODUNOV, 2022, P. 509-510)

Os anos seguintes do decepcionante governo de Viktor Yushchenko, seriam fundamentais para a atual situação caótica e incerta que o país vive nos dias de hoje. Nas seguintes eleições em 2009, o derrotado candidato do leste da Ucrânia, Viktor Yanukovych, voltaria como candidato e dessa vez ganharia a eleição. No início de seu governo ele já se mostrou um líder muito diferente dos que o país tinha tido desde a independência, uma vez que o mesmo usou de sua influência para aumentar os poderes da presidência indo contra a constituição, e assim seu governo começou a ter traços claramente autoritários. Mas havia também mudanças relevantes para o cenário internacional e para o futuro da Ucrânia. A maior controvérsia em que o governo Yanukovych se envolveu foi, um afastamento do ocidente e se reaproximação política da Rússia. O novo presidente Ucraniano declarou para a Organização do Tratado do Atlântico Norte, que seu país abandonaria as aspirações de se tornar membro da aliança militar e se manteria fora de blocos dessa capacidade, indo assim contra a opinião popular de grande parte do país e das aspirações de antecessor. Assim, enquanto países menores e de menor poder no grande cenário internacional como Albânia e Croácia terminaram seus processos para entrar na OTAN, à Ucrânia descartava anos de negociação e trocas diplomáticas, para agradar as simpatias russas de seu governante e de parte de seu país. Ainda sobre as simpatias a Rússia do governo de Yanukovych, o mesmo estendeu uma concessão de base naval para a marinha russa em Sebastopol na Crimeia, a extensão permitiria os vizinhos dos Ucranios uso das instalações na península no mar negro até 2042 em troca de desconto no preço de gás natural vindo da Rússia.(PLOKHY, 2023, P. 98-99)

A questão da península da Crimeia viria a ter implicações cada vez mais relevantes para todo esse cenário, mas primeiro é preciso entender a importância dessa localidade para as tomadas de decisão estratégicas da Rússia. A importância deste porto vem desde os tempos dos Czares na Rússia. O gigante país eslavo sempre teve uma grande dificuldade no quesito de portos, sua principal cidade costeira em São Petersburgo é inutilizável boa parte do ano por conta do inverno, seus outros portos na região europeia do país ficam mais ao norte que essa cidade, e seus outros portos ficam em outro continente e em outro oceano. Levando em conta essa falta de acesso a águas quentes para a Rússia, todos os Czares Russos de Pedro o Grande até Catarina a Grande tiveram como objetivo expandir o poderio Russo para o Mar Negro e assegurar um porto quente, para lá manter a base naval Russa que defenderia seus interesses no continente Europeu.(RUTTEN, 2023, p. 9)

Mesmo com o distanciamento geral que o governo Yushchenko assumiu em relação aos governos e instituições do ocidente, ele não cortou relações com a União Europeia, uma vez que a mesma oferecia laços comerciais vantajosos para a Ucrânia, no entanto a União Europeia temia os constantes ataques à democracia que o governo ucraniano tomava, desde aumento de poderes para o presidente até a prisão de dissidentes políticos sem base legal completa. Com isso a organização europeia propôs um acordo de associação entre eles e a Ucrânia, em troca Yushchenko iria libertar presos políticos e continuaria as reformas de mercado. Porém essa possibilidade ia contra a vontade da Rússia que ameaçou a Ucrânia com um embargo comercial caso um acordo fosse feito com a União Europeia, mesmo assim o presidente sabia que caso não assinasse o acordo sua reeleição no ano de 2015 estaria garantida, uma vez que o eleitorado do oeste do país o iria perdoar por transgressões passadas. No entanto ao retornar da cúpula de Vilnius, onde todos esperavam que o líder ucraniano assinasse esse novo acordo, o mesmo acabou por não assinar, por conta de declarações feitas sobre Putin, como aponta Serhii Plokhyy:

In November 2013 Yanukovych accepted an invitation to the EU summit in Vilnius, where he was expected to sign the association agreement but abruptly refused to do so. Speaking to his own entourage, he explained the about-face as the result of an exchange with Putin, who had allegedly told him that he would never allow the European Union or NATO to share a border with Russia. If Yanukovych signed the EU agreement, Putin threatened to occupy the Crimea and a good part of southeastern Ukraine, including the Donbas. Yanukovych, visibly shaken, decided to abandon the EU association agreement.(PLOKHY, 2023, P. 100)

A resposta do povo Ucrâniano a essas ações viria ser a Revolução da Maidan, em referência à questão da União Europeia e a uma praça importante na capital Kiev. Dessa vez o governo Ucrâniano tentou usar de forças de repressão para dispersar os manifestantes, o parlamento controlado por uma maioria de apoiadores do presidente adotaram leis de cunho ditatorial. No entanto essas medidas czaristas tiveram o efeito oposto do esperado, as manifestações que se iniciaram pacíficas rapidamente se tornaram violentas por boa parte do país, na capital manifestantes passaram a ocupar espaços públicos e governamentais, no oeste do país até mesmo autoridades locais passaram a apoiar os movimentos de Maidan. Com a escalada da crise e da violência generalizada pelo país, com pressão internacional forte dos dois lados, o governo decidiu estender um acordo com a oposição, em um evento em Kiev que seria feito na presença de dignitários da França, Polônia, Alemanha e até mesmo da Rússia, enquanto todos os lados concordaram com os termos, que incluíam retorno a constituição de 2004 e um adiamento das eleições, o representante Russo, Vladimir Lukin, se recusou a assinar, alegando que Putin não havia dado autorização. Logo em seguida ficou claro que o governo de Yushchenko não teria mais condição de continuar, e assim o parlamento votou para sua remoção, e o presidente nem sequer retornou a Kiev, deixando o país em direção à Rússia. As mudanças tomadas vindas da revolução foram vistas como um grande sucesso para muitos Ucrânianos, mas existiam muitos leste e até em partes do sul que foram extremamente contrários a essas mudanças.(PLOKHY, 2023, P.103)

As ameaças que Putin havia feito para o presidente da Ucrânia, antes da cúpula de Vilnius, se tornaram realidade, e a Rússia iniciou uma ação militar irregular para anexar a península da Crimeia. Com a questão da queda de um governo pró-Rússia da Ucrânia, ganhou força a sempre presente possibilidade que o próximo governo pró ocidente na Ucrânia poderia aproximar o país de instituições do ocidente como a União Europeia ou até mesmo a OTAN, Putin decidiu proteger os interesses de seu país,e ordenou a invasão da Crimeia em 27 de fevereiro de 2014. Na noite da invasão, membros das forças especiais russas entraram no país sem possuir qualquer tipo de identificação e rapidamente tomaram conta dos locais administrativos da península, e pouco tempo depois obrigaram os parlamentares locais a iniciar um processo de referendo de independência da Crimeia. A repercussão internacional foi grande. Boa parte dos estados condenaram gravemente a ação da Rússia, não só por ter invadido um país soberano mas pela forma como o fez, Putin justificou as ações de seu país dizendo que a ação era necessária para a proteção de russos e falantes de russos na península. Por conta do caráter anti-russo da Revolução da Maidan, um grande sentimento de

nacionalismo tomou força em partes da Ucrânia o que deu lugar à violência de caráter étnico, e sob esse pretexto Putin justificou sua invasão da Crimeia.(PLOKHY, 2023, P 114-116)

Com o referendo de independência da Crimeia finalizado, com um resultado questionável, mas que no fim apontou que os cidadãos da península em sua maioria desejavam deixar a Ucrânia, diversos órgãos internacionais e estados se colocaram contrários à questão e muitos se recusaram a reconhecer este processo. Dentre eles a própria ONU, por meio da resolução da Assembleia Geral, condenou os atos ocorridos em março de 2014:

Welcoming the continued efforts by the Secretary-General and the Organization for Security and Cooperation in Europe and other international and regional organizations to support de-escalation of the situation with respect to Ukraine,

Noting that the referendum held in the Autonomous Republic of Crimea and the city of Sevastopol on 16 March 2014 was not authorized by Ukraine,

1. Affirms its commitment to the sovereignty, political independence, unity and territorial integrity of Ukraine within its internationally recognized borders;

2. Calls upon all States to desist and refrain from actions aimed at the partial or total disruption of the national unity and territorial integrity of Ukraine, including any attempts to modify Ukraine's borders through the threat or use of force or other unlawful means;

3. Urges all parties to pursue immediately the peaceful resolution of the situation with respect to Ukraine through direct political dialogue, to exercise restraint, to refrain from unilateral actions and inflammatory rhetoric that may increase tensions and to engage fully with international mediation efforts(ONU, 2014)

Poucos dias depois da declaração por parte da administração da Crimeia, a península entrou com um pedido à Rússia para poder virar parte de sua federação, ou seja, um pedido formal de anexação. A anexação foi vista como uma grande vitória para a Rússia que garantiu de uma vez por todas que seu tão precioso e histórico porto na Crimeia não seria transformado no futuro em uma base da OTAN. Mesmo com o ocidente inteiro condenando as ações tomadas na Crimeia, alegando que as leis internacionais foram completamente desrespeitadas pela Rússia, Vladimir Putin alegou que a própria OTAN havia desrespeitado normas e leis internacionais, tanto nos bombardeios na Iugoslávia no final da década de 90, e com o reconhecimento de Kosovo por parte da aliança militar.(PLOKHY, 2023, P 120)

Com as tensões étnicas internas e a “vitória” Russa na Crimeia, as chamadas do nacionalismo começaram a arder entre os ucranianos etnicamente russos ou falantes da língua russa, principalmente na região leste do país. Com os discursos de cunho imperialista sobre uma nova Rússia proferidos por Putin, essa “chama” resultou em protestos pró-Rússia generalizados nas regiões de Donbass e Luhansk, com muitos pedindo separação do estado Ucraniano nos mesmos moldes que aconteceu na Crimeia. Por meio de auxílio Russo, esses movimentos que começaram sendo apenas protestos, logo se desencadearam em uma guerra contra o governo central de Kiev, por meio do uso de mercenários Russos, armas importadas da Rússia e apoio logístico de Moscou. Assim, essas regiões rebeldes declararam seu desejo de independência e se colocaram em estado de guerra aberta contra o estado Ucraniano. (PLOKHY, 2023, P 125-127)

O Secretário-Geral da OTAN Rasmussen (2014) considerou esse episódio de anexação, guerra civil e caos geral na Ucrânia, e agressão militar da Rússia “a mais séria crise na Europa desde a queda do Muro de Berlim”, declarando que a OTAN não poderia mais manter as relações usuais com a Rússia.

Com isso, a OTAN encerra qualquer tipo de ação de cooperação que a aliança tinha com a Rússia, desde aqueles de cunho militar até os de propriedade civil. Os membros da aliança também buscaram aprofundar seus laços diplomáticos com Kiev, e começaram projetos de auxílio financeiro e logístico para poder ajudar a Ucrânia a modernizar suas forças armadas. Além disso, por conta dos acontecimentos na Crimeia, a OTAN buscou aumentar sua presença militar em países da aliança que estão no centro e leste da Europa, com isso o número de tropas e equipamento da OTAN na região cresceu exponencialmente. (BELKIN, 2014, P.2-4)

Com o passar do tempo a guerra no Donbass, mudou muito sua natureza, uma vez que com os acordos de Minsk diversos cessar-fogos foram concordados entre as duas partes, mesmo que sempre um dos lados acabasse por agir contra o cessar-fogo e logo reiniciavam as ofensivas. Mas o conflito e o caos geral que assolou a Ucrânia em 2014, transformou o país drasticamente, uma vez que boa parte das regiões com maioria de ucranianos etnicamente russos ou falantes primários da língua, passaram ou a serem rebeldes como Donbass e Luhansk, ou passaram a integrar outro país como foi o caso da Crimeia, com isso boa parte do eleitorado pró-Rússia do país já não tinha mais participação nas eleições do país. Esse momento de caos e dificuldades que a Ucrânia viveu também contribuíram de certa forma

para uma mudança na identidade política do povo Ucrâniano, uma vez que após esse período caótico, houve um grande crescimento nos movimentos nacionalistas no país, com muitos locais recusando o uso e ensino de outra língua que não a língua ucraniana, excluindo línguas com status minoritárias como o Bulgaro, Polones e o Russo. Outra questão que demonstrou a nova onda de identidade do povo ucraniano, foi a separação histórica que o governo passou a tomar em relação a questões como o passado soviético, em que muitas estátuas e memoriais do período foram demolidos ou removidos do público, e até no quesito religioso onde criou-se um movimento para que os patriarcados ortodoxos da Ucrânia fossem reconhecidos como os pontífices principais da região, ao invés do patriarca de Moscou. Porém a questão que mais preocupou o governo de Putin, foi a aproximação da Ucrânia com o Ocidente, além de terem assinado o acordo de associação com a União Europeia, cooperação com estados e organizações ocidentais se tornou algo muito comum no cenário político do país em geral, ao ponto que o governo colocou o objetivo e compromisso de entrar na OTAN como parte de sua constituição.(PLOKHY, 2023, P. 132-134)

Depois de 2019 com seu novo presidente, Volodymyr Zelensky, parecia que o país no futuro próximo iria adentrar a aliança militar, com o país tomando diversos passos para conseguir a filiação. Uma possível entrada da Ucrânia na OTAN era o maior dos pesadelos para a política externa Russa, porque isso significaria que cada vez mais as fronteiras russas seriam cercadas pelos seus rivais históricos da OTAN. Levando essa questão em consideração, e as novos caminhos expansionistas que a Rússia vinha tomando nas últimas décadas, o governo Putin começou uma campanha que tinha como foco em demonstrar como o povo ucraniano e russo foram um só durante a história, e em geral de tentar associar a imagem do país vizinho como um estado artificial sem real prerrogativa histórica e que sua existência é baseada em desejos de forças imperialistas do ocidente. Outra ação do governo de Zelensky, que ia contra os interesses de Putin, foi o desligamento de qualquer veículo de notícias ligado a aliados de Putin no país. O governo russo observando a diminuição de sua presença na Ucrânia, e a possibilidade de em breve ter que lidar com mais um aliado da OTAN em suas fronteiras e, decidiu mobilizar suas forças armadas na fronteira com a Ucrânia, a maior mobilização na região desde o momento caótico de 2014. (PLOKHY, 2023, P. 135-141)

Os meses que seguiram em 2021, foram de extrema incerteza, em novembro quando forças de inteligência americana questionaram o governo russo sobre a presença de quase 200 mil tropas próximas à fronteira com a Ucrânia, ao invés de negar as alegações, o governo de

Moscou preferiu fazer imposições à OTAN, como demandar que a aliança voltasse a forma de 1997, sem os novos membros e assim garantindo uma convivência mais pacífica entre os dois blocos. O governo de Joe Biden se encontrava em uma situação muito complexa, se apoiassem diretamente a Ucrânia, um conflito de escala inusitada poderia começar, e se não fizesse nada daria carta branca para a Rússia invadir e tomar a Ucrânia como um todo, a escolha do governo americano foi de tentar apaziguar as tensões e de não apoiar diretamente a ucrânia, mas em caso de invasão a mesma forneceria ajuda material e logística, para uma eventual resistência Ucraniana. (PLOKHY, 2023, P. 142-144)

A questão do conflito na Ucrânia, além de se tratar de uma guerra de proporções não vistas na Europa desde o fim da segunda guerra mundial, também trata de uma grave crise humanitária. Desde o início do conflito, milhões de ucranianos foram deslocados de suas casas desde o início do conflito, em torno de 6 milhões de ucranianos foram deslocados de sua terra natal, criando uma nova crise de refugiados não vista desde a guerra da Síria. Segundo relatos das Nações Unidas diversos crimes de violação de direitos humanos estão sendo cometidos durante a guerra por ambos os lados, com civis ucranianos sofrendo nas mãos russas, e prisioneiros de guerra sofrendo abusos e maus tratos nas mãos das forças ucranianas.(UN NEWS, 2024.)

No final, as tentativas de uma solução diplomática falharam, e no dia 24 de fevereiro de 2022 as forças russas iniciaram a invasão ao território Ucraniano, começando então uma guerra em solo Europeu de magnitude não vista desde a segunda guerra mundial. Quanto a razões pela invasão, Putin alegou diversas coisas diferentes, primeiramente ele alegou que isso não era uma invasão ou uma guerra, mas que seria uma “operação militar especial” com a finalidade de desnazificação do território Ucraniano e de desmilitarização também. Junto a essas razões em seu discurso para o povo russo naquele dia de fevereiro, Putin fez diversas denúncias a OTAN, desde seus ataques sem autorização na Sérvia durante a década de 90, e até mesmo as tentativas da mesma cercar a Rússia com suas políticas de alargamento depois do fim da guerra fria. Desta forma a guerra tinha se iniciado, e a Ucrânia lutaria sozinha contra a Rússia, sem ter conseguido sua filiação à OTAN(AL JAZEERA. 2022)

3.2 O novo alargamento da OTAN

O conflito na Ucrânia, acabou se tornando o conflito de maior proporção na Europa desde o fim da segunda guerra mundial, a agressão por parte das forças russas assustou a comunidade internacional que não presenciava uma guerra convencional nesses padrões na região há décadas, com o continente Europeu em um cenário de caos, uma filiação à OTAN poderia significar segurança nesses tempos incertos para muitos países. A OTAN havia feito seu último processo de alargamento 2 anos antes do início da guerra, com a ascensão da Macedônia do Norte na aliança militar, e ao mesmo tempo outros países também estavam passando pelo longo processo de entrada na Organização do Tratado do Atlântico Norte, como a Bósnia Herzegovina, que desde 2018 estava cada vez mais se aproximando da filiação plena a organização.(OTAN, 2024)

A invasão russa à Ucrânia, trouxe de volta de certa forma a essência original da OTAN, de uma aliança militar que a base fundadora e unificadora para seus membros não é apenas um quesito cultural e identitário como é a base de outras organizações, mas sim uma questão maior de proteção e oposição a um claro oponente aos interesses da aliança. O longo processo de completa ressignificação da aliança militar chega ao seu fim com essa guerra em sua fronteira, a aliança podia voltar a seu objetivo inicial de estar em oposição direta a um potencial oponente.(GISCLON ,KEYMAN 2023, P. 64)

Durante boa parte de sua história, recente o processo de alargamento da OTAN foi visto por muitos, incluindo partes não envolvidas na região, como sendo predatória e beirando o imperialismo, mas com a guerra na Ucrânia o cenário mudou. Os países aliados ou não que tinham receios de criar rusgas com a Rússia por meio do alargamento da OTAN, não mais temem essa possibilidade já que o pior já aconteceu e a relação com Moscou se tornou “quente” novamente. Agora novas tentativas de alargamento não serão mais vistas como tentativas predatórias e imperialistas do ocidente, mas como uma forma de países se precaverem de uma possível agressão russa.(GOLDGEIER, SHIFRINSON 2020, p. 2-9)

Com a questão da guerra sendo uma das, se não a principal pauta internacional desde seu início em 2022, o estados e organizações no cenário internacional claramente já demonstraram claramente uma separação em lados distintos, alguns apoiando a Ucrânia, como a OTAN e seus outros aliados, Alguns apoiando a Rússia, e outros que decidiram se abster como apontam Gisclon e Keyman:

Russia's invasion of Ukraine has been a clarifying moment for alliances." Since Russia's fullscale invasion of Ukraine and subsequent NATO expansion, most

countries appear to have fallen into one of three categories: first, countries in support of (or at least aiding) the Kremlin and its war of aggression; second, countries in support of Ukraine, many of which have sought closer ties with NATO and the West; and, third, non-aligned countries. The coalescence of these blocs has precipitated significant changes for global security(GISCLON, KEYMAN, 2023, P.

65

Porém, alguns atores internacionais conhecidos pela sua neutralidade em assunto militares principalmente envolvendo a Rússia, muito devido ao histórico dos países e sua proximidade ao gigante país, foram os primeiros países a demonstrar um novo interesse em adentrar na OTAN nesse novo momento. Foi o caso da Suécia e da Finlândia.

3.3 A entrada da Suécia na OTAN

A Suécia desde o século XIX segue uma política de não alinhamento no cenário internacional, política essa que foi fundamental para a formação do estado nacional sueco. Durante esse tempo o país evitou se envolver em guerras. ,mesmo com a invasão de todos os seus países vizinhos durante a segunda guerra mundial, a Suécia conseguiu sua neutralidade do conflito. Durante a era da bipolaridade da guerra fria, a Suécia, diferente de seus vizinhos nórdicos na Dinamarca e Noruega, não foi um signatário da OTAN, quando a aliança militar foi fundada em 1949. Assim durante boa parte dos últimos dois séculos o país nórdico ficou não alinhando em relação ao grande esquema da política internacional.(BILLSTRÖM, 2024)

As mudanças trazidas pelo fim da guerra fria, e a dissolução do bloco socialista trouxeram grandes mudanças para a questão da neutralidade da Suécia. Em um novo mundo multipolar as instituições de integração ganharam cada vez mais força. Com isso em 1995, depois de alguns anos se aproximando da União Europeia, o país nórdico buscando uma melhor integração nesse novo mundo decidiu começar a fazer parte um instituição internacional, encerrando séculos de tradição de não alinhamento.(WHITFIELD, 2015, P. 30-33)

Quanto à questão da OTAN, o processo de entrada da Suécia foi longo devido à falta de um real consenso entre os partidos políticos do país sobre a filiação à aliança militar, dado que muitos dentro do país ainda enxergavam a neutralidade com bons olhos. A divisão em geral sobre essa potencial filiação, foram diminuindo aos poucos principalmente quando a Rússia

anexou a Crimeia, e nos seguintes a Suécia passou a estar mais coesa sobre o assunto de filiação à OTAN. (REUTERS. 2015)

Com a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022, as tensões mundiais alcançaram níveis inéditos no novo século. Por conta da invasão russa, a Suécia decidiu buscar sua filiação, como apontou em 2024 o ministro de relações internacionais da Suécia o Tobias Billström:

Two years ago, Russia launched its full-scale invasion of Ukraine – an irreversible turning point, for Swedish, British, European and global security. Although Sweden’s cooperation with NATO began decades earlier, the Swedish membership of NATO is a direct result of Russia’s illegal, unprovoked and indefensible war of aggression.

Russia’s objective with its war of aggression is to control Ukraine, recreate an empire and violently overturn the European security order – to replace right with brutal might. (BILLSTROM,2024)

Com a entrada da Suécia na aliança, a Rússia agora se encontra cada vez mais cercada, tendo um vizinho do mar báltico, que poderia fornecer bases navais para a aliança logo ao seu lado, nesse momento tão caótico para a política internacional Russa.

Do ponto de vista russo, a ascensão da membresia da Suécia a OTAN, foi vista como um grande problema de política externa. A ministra de política externa russa, Maria Zakharova ao falar sobre a entrada do país nórdico na OTAN, classificou esse movimento como uma ação movida por um movimento anti-rússia forte que se intensificar pelo mundo. Além desta colocação, o governo russo prometeu intensificar ações militares para suas tropas, com o intuito de deixar suas forças armadas em alerta por conta das mudanças no cenário internacional. (REUTERS, 2024.)

3.4 A entrada da Finlândia na OTAN

O caso da presença da Finlândia na Organização do Tratado do Atlântico Norte, foi provavelmente o caso mais relevante de adesão dos últimos anos, principalmente quando se leva em conta a questão russa. A Finlândia tem uma fronteira de mais de 1,340km com a Rússia, em regiões estratégicas como a península de Kola. Contudo, mais relevante, é o fator

da relação histórica entre esses dois países, e os acordos feitos entre eles no passado.(GISCLON, KEYMAN, 2023, P.68)

Por boa parte de sua história a Finlândia fez parte do Império Russo. Na época dos czares era conhecida como o grande ducado da Finlândia. Porém diferente do império Russo, o povo finlandês não era um povo eslavo e dividia pouco culturalmente com os russos, seja em língua, religião ou costumes. Com a queda do império russo para os Bolcheviques em 1917, e a fragmentação de seu território, deu origem a muitos territórios dentre eles a Finlândia, Durante as primeiras décadas de sua existência, a república da Finlândia existiu com relativa paz e estabilidade para um país tão novo. No entanto com as expansões territoriais e militares que o governo de Josef Stalin vinha tomando na União Soviética, a paz que esse estado vivia estava ameaçada, uma vez que o seu vizinho fez grandes demandas territoriais da Finlândia, pedindo diversas partes da região da Carélia, e exigindo a presença de bases militares soviéticas no país, temendo a extinção do seu país, a Finlândia entrou em guerra com URSS. A guerra foi surpreendentemente favorável à Finlândia, usando do clima hostil do inverno finlandês, e da atenção dividida dos soviéticos por conta do único da segunda guerra mundial, o povo finlandês conseguiu manter sua independência total em troca de apenas 11% de seu território. O receio da Finlândia de sofrer outra invasão por parte dos soviéticos fez com que o país tomasse medidas drásticas de neutralidade, que viriam a ser conhecidas como a doutrina Paasikivi-Kekkonen, que fez com que a Finlândia garantisse não se juntar a qualquer aliança militar e manter uma política de neutralidade. Durante a guerra fria, a Finlândia e sua posição de neutralidade aproveitou de bons anos de paz e prosperidade, mas mesmo assim o país não deixou a questão de defesa nacional de lado, e teve um grande foco nas suas forças armadas.(MEINANDER, 2011 p.169-213)

A entrada da Finlândia na OTAN, significa não somente a entrada de um país que tem uma extensa fronteira com a Rússia na aliança militar, mas também significa uma mudança completa de paradigma da política externa de dois países que durou meio século. Com a entrada da Finlândia na OTAN, o país mudou completamente o paradigma da política internacional europeia, e deslocou completamente o balanço de poder na região, agora os problemas da Rússia com a OTAN não se limitam apenas ao leste Europeu, mas agora também ao norte.(GISCLON, KEYMAN, 2023, P.67)

4. Conclusão

Os novos processos de alargamento da OTAN no contexto da guerra Ucrânia, implicam mais que a persistência de uma aliança militar criada no século passado para um contexto diferente. Esse novo alargamento da OTAN é símbolo de uma nova era no cenário internacional.

A guerra na Ucrânia está intrinsecamente ligada à OTAN, tanto em seu começo como em suas repercussões. Uma das razões para a invasão que lhe deu início foi a aproximação de Zelensky à OTAN, já que querendo evitar a possibilidade de dividir uma fronteira terrestre com a OTAN, Putin decidiu invadir a Ucrânia. Por outro lado, a invasão alimenta esse mesmo risco, já que ao invés de dividir a fronteira no sul, se divide no norte com a Finlândia.

A entrada da Suécia e da Finlândia na OTAN causou um impacto imediato no cenário político global, tanto pela criação de uma enorme fronteira entre a aliança e a Rússia, quanto pela mudança na estrutura da aliança. A entrada de dois países que historicamente possuíam políticas de neutralidade e exércitos formidáveis para garantir sua neutralidade, balançou a política internacional. A Rússia na tentativa de deixar a aliança longe de suas fronteiras, apenas se aproximou por conta da repercussão da guerra da Ucrânia.

Ao centro da guerra da Ucrânia, está o embate entre ocidente e oriente, culminando na possibilidade de membresia do país para a OTAN. O conflito na Ucrânia, chocou o mundo e inicialmente esfriou qualquer possibilidade da entrada do país na aliança, principalmente porque era esperado que o conflito durasse pouco tempo, mas com a forte resistência do povo ucraniano que fez a guerra durar mais de dois anos, houve uma mudança nas perspectivas predominantes com relação a essa questão. Durante todos esses anos o governo de Zelensky continua fortemente colocando a membresia do país à OTAN como pauta principal para a política externa do país, mas o receio dos membros cria uma resistência a essa possível filiação.

Desta forma o mundo ocidental passa a enxergar as coisas de forma parecida com seus antepassados 75 anos atrás, o ocidente novamente enxerga a OTAN como uma frente para frear o perigo do avanço dos russos. A OTAN deixou a imagem de uma aliança militar sem um rumo oficial e direto do pós-guerra fria, e passou a ser um dos atores que vai poder determinar o futuro.

A OTAN agora nesse novo cenário que foi criado, tem um papel muito similar com o de sua origem, sendo um bastião do ocidente para os oponentes russos, que na visão do ocidente estão em um processo imperialista pelo leste europeu. Desta forma a OTAN deixa de ser um grupo em decadência, considerados por muitos uma organização de “segunda prateleira” na política externa e toma a frente como um dos agentes mais relevantes nesse futuro que ela está moldando.

5. Referências bibliográficas

AL JAZEERA STAFF. “*No other option*”: *Excerpts of Putin’s speech declaring war*. 24 fev. 2022. *News*. Al Jazeera. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/2/24/putins-speech-declaring-war-on-ukraine-translated-excerpts>>. Acesso em: 12 jun. 2024

BELKIN, Paul. NATO: *Response to the crisis in Ukraine and security concerns in Central and Eastern Europe*. ***Current Politics and Economics of Russia, Eastern and Central Europe***, v. 29, n. 2, 2014.

CHRYSSOGELOS, Angelos; STAVREVSKA, Elena, B. *The Prespa agreement between Greece and North Macedonia and the discordancies of EU foreign policy*. ***European Foreign Affairs Review***, v. 24, n. 4, p. 427-446, 2019.

COTTEY, Andrew. *The Kosovo war in perspective*. ***International Affairs***, v. 85, n. 3, p. 593-608, 2009.

CROFT, Stuart. ***NATO’s Post-Cold War Politics: The Changing Provision of Security***. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

DOMAGALA, Arkadiusz. ***Humanitarian Intervention: the Utopia of Just War?: The NATO Intervention in Kosovo and the Restraints of Humanitarian Intervention***. Brighton: Sussex European Institute, 2004.

GISCLON, Megan; KEYMAN, Fuat. ***The Three Dimensions of NATO enlargement in 2023: From the Arctic to the Black Sea and Beyond***. Istanbul, *Turkish Policy Quarterly* 2023.

GOLDGEIER, James; SHIFRINSON, Joshua R Itzkowitz. *Evaluating NATO enlargement: scholarly debates, policy implications, and roads not taken*. ***Springer Nature Limited***, 2020.

HENRIKSEN, Dag. ***Combining Diplomacy and Airpower in the Kosovo Crisis***. Annapolis: Naval Institute Press, 2007.

JUDAH, Tim. ***Kosovo War and Revenge***. Yale University Press, 2000.

KHODUNOV, Alexander. *The Orange Revolution in Ukraine*. In: GOLDSTONE, J. A.; GRININ, L.; KOROTAYEV, A. (eds.). ***Handbook of Revolutions in the 21st Century: The New Waves of Revolutions, and the Causes and Effects of Disruptive Political Change***. Springer, 2022. p. 501-515.

MANKOFF, Jeffrey. ***Russian foreign policy: the return of great power politics***. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

MATTOX, Gale; RACHWALD, Arthur. ***Enlarging NATO: The National Debates***. Lynne Rienner Publishers, 2001.

MEINANDER, Henrik. ***A history of Finland***. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 2011.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. *Declaration on a Transformed North Atlantic Alliance*. 2010 Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_23693.htm>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. *Enlargement and Article 10*, 2024. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_49212.htm>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. *Membership Action Plan (MAP)*. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_37356.htm. Acesso em: 12 jun. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. *Poland and NATO – 1999*, 2024. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/declassified_223582.htm#:~:text=By%20December%201998%2C%20all%2016,to%20the%20North%20Atlantic%20Treaty>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. *Speech: MFA Poland, Independence*, 12 mar. 1999. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/speech/1999/s990312d.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. *Strategic Concepts*, 2022. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_56626.htm>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. *Summit - Madrid, 8-9 jul. 1997*. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/comm/1997/970708/home.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Resolução 1244 de 1999, 1999. Disponível em: <[https://undocs.org/S/RES/1244\(1999\)](https://undocs.org/S/RES/1244(1999))>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PLOKHY, Serhii. **The Russo-Ukrainian War**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2024.

POLISH GOVERNMENT. *25th Anniversary of Poland's Accession to the North Atlantic Alliance. Ministry of National Defence. Gov.pl*. Disponível em: <<https://www.gov.pl/web/national-defence/25th-Anniversary-of-Poland-s-Accession-to-the-North-Atlantic-Alliance#:~:text=25th%20Anniversary%20of%20Poland's%20Accession%20to%20the%20North%20Atlantic%20Alliance,-08.03.2024&text=%E2%80%9EOn%20March%2012th%2C%201999%2C,the%20North%20Atlantic%20Treaty%20Organisation>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

REUTERS. *Russia says it will take military-technical steps in response to Sweden's NATO accession*. **Reuters**, 28 fev. 2024 Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/europe/russia-says-it-will-take-military-technical-steps-response-swedens-nato-2024-02-28/>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

REUTERS. *Swedish centre right in favour of NATO membership*. **Reuters**, 9 out. 2015. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/uk-sweden-nato-idUKKCN0S32I520151009/>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

RUTTEN, Alexander. *Conflict in the Crimea Through the Eyes of the Onlooker: Socio-Political Causes*, v.2, n.2. **Scripta**, 2023.

SERVICE, Robert. **The End of The Cold War 1985-1991**. Londres: Macmillan, 2015

SHERWEN, Nicholas. **NATO Handbook: 50th Anniversary Edition**. Brussels: NATO Office of Information and Press, 1998.

SUY, Eric. **NATO's Intervention in the Federal Republic of Yugoslavia**. Cambridge University Press, 2000.

SWEDISH GOVERNMENT; BILLSTRÖM, Tobias. *Why Sweden joined NATO - a paradigm shift in Sweden's foreign and security policy*. Regeringskansliet, 2024. Disponível em: <<https://www.government.se/speeches/2024/04/why-sweden-joined-nato---a-paradigm-shift-in-swedens-foreign-and-security-policy/>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

UN NEWS. *Ukraine: Report reveals war's long-term impact which will be felt "for generations"*. 22 fev. 2024. Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2024/02/1146842>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

WEBRA INTERNATIONAL KFT. *The Visegrad Group: the Czech Republic, Hungary, Poland and Slovakia*. **Visegrad Group**, 2006.

WHITFIELD, Edward. *The 1995 enlargement of the European Union: The accession of Finland and Sweden, Luxemburgo: European Union* 2015.

WILLIAMS, Paul. *Security Studies: An Introduction*. Nova Iorque: Routledge, 2008.